

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Third Twin*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 1996 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Isabel Nunes*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa © Tim Robinson/Arcangel Images

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

7.^a edição, Lisboa, agosto, 2018

Depósito legal n.º 443 292/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO UM

Uma onda de calor abatera-se sobre Baltimore como uma mortalha. Uma imensidade de irrigadores de relva refrescava os subúrbios frondosos, mas os abastados habitantes mantinham-se no interior das casas com o ar condicionado no máximo. Em North Avenue, prostitutas apáticas abraçavam as sombras e transpiravam sob as perucas, e, nas esquinas, os miúdos vendiam droga que guardavam nos bolsos dos calções largos. Era o fim de setembro, mas o outono parecia muito distante.

Um *Datsun* branco e ferrugento, o vidro partido de um dos faróis da frente preso por duas tiras de fita isoladora que formavam um X, percorria um bairro de brancos da classe trabalhadora a norte do centro. O carro não tinha ar condicionado, e o condutor abria todas as janelas. Era um homem bonito de vinte e dois anos e vestia calções feitos de *jeans*, uma *T-shirt* branca e limpa e um boné de basebol vermelho com a palavra SEGURANÇA em letras brancas na frente. O revestimento de napa sob as suas coxas estava escorregadio da transpiração, mas isso parecia não o incomodar. Sentia-se bem-disposto. O rádio do carro, sintonizado na 92Q, transmitia «vinte êxitos seguidos!». Sobre o banco do pendura via-se um dossiê aberto, que olhava de vez em quando, decorando uma página impressa com termos técnicos para um teste no dia seguinte. Aprendia com facilidade e ficaria a saber a matéria após uns minutos de estudo.

Num semáforo, uma mulher loura ao volante de um *Porsche* descapotável parou a seu lado. Ele sorriu-lhe e disse: — Belo carro! — Ela desviou o olhar sem responder, mas ele pensou ter visto um leve sorriso curvar-lhe os cantos da boca. Por trás dos grandes óculos de sol, teria provavelmente o dobro da sua idade, o habitual em mulheres que conduziam *Porsches*. — Uma corrida até ao próximo semáforo? — propôs ele, ao que ela se riu, um riso musical e coquete; em seguida, meteu a primeira com uma mão magra e elegante na alavanca das mudanças, e arrancou como um foguete.

Ele encolheu os ombros. Estava só a praticar.

Percorreu o *campus* arborizado de Jones Falls, uma universidade da Ivy League muito mais requintada do que a que ele frequentara. Ao chegar ao imponente portão, um grupo de oito ou dez mulheres passou a correr, com equipamento de *jogging*: calções justos, *Nikes*, *T-shirts* suadas e *tops* cavados. Deviam ser uma equipa de hóquei em campo a treinar, calculou, e a que a encabeçava, uma jovem em excelente forma física, era a capitã, a prepará-las para a próxima época.

Viraram para o interior do *campus*, e, de súbito, ele sentiu-se atordado, invadido por uma fantasia tão intensa e tão excitante que mal via para conduzir. Imaginou-as no balneário — a gorducha a ensaboar-se no duche, a ruiva a secar o longo cabelo acobreado com uma toalha, a negra a vestir umas cuequinhas de renda branca, a capitã da equipa, provavelmente fufa, a andar por ali nua, a exhibir os músculos — no momento em que acontecia algo que as aterrorizava. De súbito, entravam todas em pânico, os olhos esbugalhados de medo, a gritar e a chorar, à beira da histeria. Corriam de um lado para o outro, embatendo umas nas outras. A gorda caíra e ficara no chão a chorar, aflita, enquanto as outras a pisavam, descuidadas, tentando desesperadamente esconder-se ou encontrar a saída ou fugir do que quer que as estava a assustar.

Encostou na berma e pôs o carro em ponto morto. Respirava com esforço e sentia o coração a martelar. Era a melhor fantasia que já tivera, mas faltava-lhe algo. O que é que as assustara? Procurou a resposta na sua fértil imaginação e arfou de desejo ao encontrá-la: um fogo. O balneário ardia, e as chamas aterrorizavam-nas. Tossiam e sufocavam com o fumo, enquanto deambulavam, meio despidas e frenéticas. — Meu Deus — sussurrou, olhando em frente e vendo a cena como um filme projetado no interior do para-brisas do *Datsun*.

Acalmou-se passado algum tempo. Continuava a sentir um desejo intenso, mas a fantasia já não bastava: era como pensar numa cerveja quando se morria de sede. Puxou a fralda da *T-shirt* e limpou o suor do rosto. Sabia que devia tentar esquecer aquela fantasia e afastar-se, mas era demasiado boa. Seria terrivelmente perigoso — se fosse apanhado iria para a prisão durante muitos anos —, mas o perigo nunca o impedira de fazer o que quer que fosse. Lutou para resistir à tentação, embora por muito pouco tempo. — Quero fazê-lo — murmurou. Inverteu a marcha e atravessou o imponente portão, entrando no *campus*.

Já ali estivera. A universidade espalhava-se por milhares de metros quadrados de relvados, jardins e bosques. Os edifícios eram, na sua maior parte, de tijolo vermelho uniforme, com algumas construções modernas em cimento e vidro, tudo ligado por um emaranhado de ruas estreitas delimitadas por parquímetros.

A equipa de hóquei desaparecera, mas não foi difícil encontrar o ginásio; tratava-se de um edifício baixo junto a uma pista de atletismo, e, no exterior, via-se uma grande estátua de um lançador de disco. Estacionou junto de um parquímetro, mas não introduziu qualquer moeda, nunca o fazia. A capitã musculada da equipa encontrava-se nos degraus do ginásio a falar com um tipo com uma *sweatshirt* rasgada. Este galgou os degraus, sorrindo à capitã ao passar por ela, e empurrou a porta, entrando no edifício.

O átrio estava apinhado de rapazes e raparigas de calções e fitas na cabeça que iam e vinham, empunhando raquetes e levando ao ombro sacos de desporto. Não havia dúvida de que a maioria das equipas treinava aos domingos. A meio do átrio via-se um segurança por trás de uma secretária, a verificar os cartões dos estudantes, mas nesse momento entrou um grande grupo de atletas que passou pelo segurança, alguns agitando o cartão, outros esquecendo-se; o homem limitou-se a encolher os ombros e continuou a ler *A Zona da Morte*.

O estranho virou-se e observou uma coleção de taças em prata numa vitrina, troféus ganhos por atletas da universidade. Um momento depois, entrou uma equipa de futebol, dez homens e uma mulher entroncada com chuteiras, e ele apressou-se a juntar-se ao grupo. Atravessou o átrio juntamente com eles e seguiu-os por uma escada larga que descia para a cave. Conversavam sobre o jogo, rindo-se de um golo feliz e indignando-se com uma falta indecente, e não deram por ele.

Mantinha um passo descontraído, mas o olhar atento. Ao fundo das escadas havia um pequeno vestíbulo com um dispensador de *Coca-Cola* e um telefone de moedas. O balneário dos homens ficava logo a seguir, mas as mulheres da equipa seguiram por um corredor comprido, dirigindo-se com certeza ao balneário feminino, que fora certamente acrescentado mais tarde por um arquiteto que pensara que nunca existiriam muitas raparigas em Jones Falls, no tempo em que a palavra «coeducação» era um termo sensual.

O estranho pegou no telefone e fingiu procurar uma moeda, enquanto os homens entravam no balneário. Viu as mulheres abrirem uma porta e desaparecerem no interior do que devia certamente ser o balneário feminino. Estavam todas lá dentro, pensou, empolgado, a despirem-se e a tomarem duche e a esfregarem-se com as toalhas. Estar tão perto delas fê-lo sentir-se excitado. Limpou a testa com as costas da mão. Para dar vida à sua fantasia, bastava-lhe assustá-las de morte.

Obrigou-se a permanecer calmo. Não iria estragar tudo com a pressa. Precisava de uns minutos para planear.

Quando todas tinham desaparecido, avançou pelo corredor silenciosamente, atrás das mulheres. Havia três portas, uma de cada lado e outra ao fundo. A porta à direita era a que as mulheres tinham aberto. Verificou a do fundo e descobriu que dava para um espaço grande e poeirento, cheio de maquinaria volumosa: caldeiras e filtros, calculou, para a piscina. Entrou e fechou a porta. Ouvia-se um zumbido elétrico baixo e regular. Imaginou uma rapariga, transida de medo, envergando apenas a roupa interior — via um sutiã e calcinhas às flores —, deitada no chão a fitá-lo com um olhar aterrorizado, enquanto ele desapertava o cinto. Saboreou a imagem por um momento, sorrindo para si próprio. Essa rapariga estava apenas a uns metros de distância. Naquele momento talvez estivesse a pensar no serão que a esperava: talvez tivesse namorado e considerasse a hipótese de o deixar ir até ao fim; ou talvez fosse calóira, solitária e um pouco tímida, sem mais nada que fazer num domingo à noite a não ser ver um episódio de *Columbo*¹ na televisão. Ou talvez tivesse um trabalho para entregar no dia seguinte e planeasse ficar acordada toda a noite a terminá-lo. *Nada disso, querida. São horas do pesadelo.*

Já fizera aquilo anteriormente, embora numa escala menor. Desde que se lembrava que adorava assustar as raparigas. Na escola secundária, não havia nada que mais lhe agradasse que apanhar uma rapariga sozinha, num canto qualquer, e ameaçá-la até ela chorar e implorar misericórdia. Era por isso que tinha de andar sempre a mudar de escola. Por vezes saía com elas só para ser como os outros tipos e ter alguém com quem entrar num bar de braço dado. Se lhe parecia que contavam com isso, ia para a cama com elas, mas isso parecia-lhe sempre uma coisa irrelevante.

Calculava que toda a gente tinha uma perversão: alguns homens gostavam de vestir roupa de mulher, outros exigiam que a rapariga se vestisse de cabedal e os calcasse com saltos agulha. Um tipo que conhecia achava que a parte mais sensual de uma mulher eram os pés: na secção de sapataria dos armazéns, ficava com uma ereção só de as ver a calçar e descalçar sapatos.

A sua perversão era o medo. O que o excitava era ver uma mulher a tremer de medo. Sem medo, não havia excitação.

Olhando em redor metodicamente, avistou uma escada de mão que levava a um alçapão de ferro trancado por dentro. Subiu a escada depressa, fez deslizar os ferrolhos e empurrou o alçapão. Deu consigo a olhar para os pneus de um *Chrysler New Yorker* num parque de

¹ Famosa série policial americana que foi transmitida desde o início dos anos setenta até ao início do século XXI. (NT)

estacionamento. Orientando-se, percebeu que se encontrava nas traseiras do edifício. Fechou o alçapão e desceu a escada.

Saiu da sala das máquinas da piscina. Ao caminhar pelo corredor, uma mulher que vinha do outro lado lançou-lhe um olhar hostil. Por momentos, sentiu-se ansioso; podia perguntar-lhe o que diabo estava a fazer junto do balneário feminino. Uma discussão desse tipo não fazia parte dos seus planos, que podiam ficar estragados. O olhar dela, porém, fixou-se no boné, onde leu a palavra SEGURANÇA. Desviou a atenção e entrou no balneário.

Ele sorriu. Comprara o boné por nove dólares numa loja de recordações. Contudo, as pessoas estavam habituadas a ver guardas de *jeans* em concertos de *rock*, detetives que pareciam criminosos até mostrarem o crachá, polícia do aeroporto de camisola. Dava demasiado trabalho pedir as credenciais a todos os idiotas que se designavam por seguranças.

Experimentou a porta em frente do balneário, que abria para uma pequena arrecadação. Acendeu a luz e fechou a porta.

Em sua volta viu pilhas de equipamento de ginásio obsoleto: grandes bolas pretas de exercício, colchões de borracha já gastos, maçãs indianas, luvas de boxe bolorentas e cadeiras desdobráveis de madeira cheias de lascas. Havia um cavalo com arções com o forro rasgado e uma perna partida. A sala cheirava a bolor. Um grande tubo prateado corria pelo teto, e ele calculou que providenciava ventilação ao balneário do outro lado do corredor.

Esticou-se e experimentou os parafusos de porca que prendiam o tubo ao que parecia ser uma ventoinha. Não conseguiu girá-los com os dedos, mas tinha uma chave-inglesa na bagageira do *Datsun*. Se conseguisse soltar o tubo, a ventoinha puxaria o ar do interior da arrecadação em vez do exterior do edifício.

Acenderia o fogo mesmo por baixo da ventoinha. Iria buscar uma lata de gasolina, despejar um pouco numa garrafa de água vazia e trazê-la para ali, juntamente com uns fósforos e um jornal para atear e também traria a chave-inglesa.

O fogo arderia rapidamente e produziria enormes nuvens de fumo. Ele iria atar um trapo molhado sobre o nariz e a boca e esperar até a arrecadação estar cheia de fumo. Então, soltava o tubo de ventilação. O fumo seria puxado para a conduta e bombeado para dentro do balneário feminino. No início ninguém notaria. Depois, uma ou duas raparigas cheiraria o ar e perguntaria: «Está alguém a fumar?» Ele abriria a porta da arrecadação e deixaria que o corredor se enchesse de fumo. Quando as raparigas se apercebessem de que se passava algo de sério, abririam a porta do balneário e haveriam de pensar que todo o edifício estava em chamas. Ficariam em pânico.

Nesse momento entrava ele. Veria um mar de sutiãs e de meias altas, de seios descobertos e de nádegas e pelos púbicos. Algumas saíam do duche a correr, nuas e molhadas, procurando as toalhas; outras tentariam vestir-se; a maioria andaria à toa a tentar encontrar a porta, meio cega pelo fumo. Haveria gritos, soluços e brados de medo. Ele continuaria a fingir ser um segurança e gritar-lhes-ia ordens: «Não parem para se vestirem! Isto é uma emergência! Saiam daqui! O edifício está todo a arder! Fugam, fugam!» Dar-lhes-ia palmadas nas nádegas, empurrando-as de um lado para o outro e roubando-lhes a roupa, enquanto as apalpava. Elas iriam desconfiar que havia algo de muito errado, mas a maioria estaria de cabeça perdida e não perceberia o que se passava. Se a musculada capitã de hóquei ainda lá estivesse, talvez tivesse a presença de espírito para o confrontar, mas ele limitar-se-ia a desferir-lhe um soco.

Dando umas voltas, seleccionaria a vítima principal. Teria de ser bonita e com ar vulnerável. Pegar-lhe-ia no braço e diria: «Por aqui, por favor, sou segurança.» Levá-la-ia para o corredor e viraria para o lado errado, na direção da sala das máquinas. Aí, exatamente quando ela pensasse que estava quase em segurança, ele dar-lhe-ia uma estalada e um murro no ventre, atirando-a para o chão de cimento sujo. Ficaria a vê-la rebolar, virar-se e sentar-se, a arfar e a soluçar, fitando-o com um olhar aterrorizado.

Então, ele sorriria e desapertava o cinto.